

*Saxa loquuntur!* [As pedras falam], exclamou Freud (1896/2023) ao comparar a anamnese da histeria à remoção de entulhos que encobrem as ruínas de antigos palacetes. A expressão latina, extraída do poema *Farsália* de Lucano, anuncia o projeto inicial sob o qual se assentou a psicanálise: fazer as pedras falarem. Para além da mudez mineral aparente dos sintomas neuróticos, Freud encontrou a eloquência discursiva das fantasias inconscientes e os efeitos de seu silenciamento. Ao afirmar que “o histérico sofre sobretudo de reminiscências”, colocou no centro de sua “jovem ciência” o trabalho da memória e a temporalidade psíquica.

Em suas formulações, Freud valia-se com frequência da comparação com a arqueologia, disciplina que ao final do século XIX também se consolidava como área específica de saber. “Realmente”, escreve em *Gradiva*, “não há analogia melhor para a repressão, que torna inacessível e conserva ao mesmo tempo algo na psique, do que o soterramento, tal como o que Pompéia sofreu e do qual pôde ressuscitar mediante o trabalho das pás” (1907/2015, p.57).

As analogias entre o trabalho psicanalítico e as escavações arqueológicas prolongam-se na estratificação da primeira tópica e acompanham o pensamento freudiano até o fim, tornando-se gradualmente mais complexas. Pois, se as pedras falam, seu discurso não é tão claro como Freud inicialmente supunha, mas antes um palimpsesto desordenado, no qual se conjugam tempos verbais distintos em uma mesma sentença. Assim, Pompéia dará lugar a Roma como representação visual da sobrevivência da memória. Ao povoamento inicial, denominado *Roma quadrata*, seguiram-se fases nas quais elementos estruturais de um período anterior eram reutilizados para compor os subsequentes. Essas fases sucessivas não se encontram apenas justapostas, mas incorporadas e reelaboradas umas pelas outras. O visitante da Roma atual — lembra Freud em *O mal-estar na civilização* — é capaz de encontrar vestígios da malha urbana antiga, reconhecer o traçado dos muros que acompanharam as contínuas expansões territoriais, observar reconstruções de edificações feitas após incêndios e destruições, tudo isso emaranhado a uma metrópole moderna surgida nos últimos séculos.

A imagem evoca a conservação do passado como um processo de repetição paradoxal, pois exige que ele permaneça em constante transformação, capaz de se modificar e se adaptar a novas situações (Olivier, 2018). Com efeito, a antiga construção necessita de restaurações periódicas para que guarde alguma semelhança com aquilo que já foi um dia; se a deixarmos imperturbada, ela se consome e se extingue.

Assim também o inconsciente entrelaça passado, presente e futuros cambiantes; um constante ir e vir que possibilita à memória resistir à inexorável deterioração imposta pela passagem do tempo. Ao substituir Pompéia por Roma, Freud afasta-se da noção de um passado estável, e a Psicanálise passa a compartilhar com a Arqueologia o trabalho com uma matéria distorcida e fragmentada, cujas peças incompletas exigem interpretações e narrativas para adquirir alguma coerência provisória.

Nos estudos dedicados às referências freudianas à arqueologia, essas são tomadas ora como uma “metáfora poderosa”, ora como um modelo de teor heurístico, cujas ferramentas conceituais teriam influenciado diretamente na construção da teoria e da prática psicanalíticas. É sob a perspectiva de um modelo epistemológico que o artigo de Elias Mallet da Rocha Barros abre a seção TEMA. Articulando arqueologia, antropologia especulativa e psicanálise, o autor explicita a combinação de métodos dedutivos e indutivos na captação do passado tornado presente.

Orlando Hardt Junior e Patrícia de Campos Lindenberg Schoueri, por sua vez, recuperam o valor metafórico das analogias arqueológicas para propor expansões, revitalizando-as com contribuições da arqueologia contemporânea e do pensamento de Bion e Matte-Blanco. O “devaneio futurista”, incluído ao final desse artigo, parece ser retomado pelo seguinte, de Fabio Moreira Vargas, ao discutir a experiência de futuro na fabricação dos mitos pessoais, na medida em que esses revelam não apenas o que já foi, mas antecipam imaginativamente o porvir. Conjugando as arqueologias freudianas e foucaultianas, o futuro no presente reaparece no trabalho de Andressa Martins Belisario, que assinala os efeitos da virtualidade e da hiperexposição na construção de novas subjetividades, delineadas por “ruínas digitais” de algoritmos.

Valendo-se de sua atuação no Centro de Documentação e Memória da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (CDM-SBPSP), Elisabete Marin Ribas demonstra como, pelo olhar da arquivologia, os “arquivos não são depósitos inertes, mas espaços vivos, atravessados por vozes que insistem em dialogar com o presente” (p. 76). Tal diálogo é proposto por Renata Udler Cromberg e Fátima Caropreso, na medida em que resgatam do esquecimento o percurso pioneiro de quatro mulheres psicanalistas. Com isso, as autoras parecem reconhecer a necessidade de reescrever a história da psicanálise como uma condição para preservá-la. A distinção

entre história material e história da experiência é definida no artigo de Daniel Delouya, que, destacando o arqueólogo Freud a partir das evidências biográficas de sua autoanálise, coloca em primeiro plano o desejo infantil que move, talvez, toda investigação do passado: o desejo de transcender à morte. Isabel Castello Branco Lima dá continuidade às explorações freudianas, acompanhando em sua obra a transição da predominância de um modelo médico — ancorado na fisiologia — para um modelo inspirado na arqueologia, consolidado pela noção de “construções”.

Encerrando a seção TEMA, tanto o artigo de Magda Guimarães Khouri quanto o de Plínio Montagna tecem reflexões sobre pinturas rupestres e, cada qual a seu modo, examinam a emergência do universo simbólico: a necessidade humana de criar formas de representação que transformem a realidade material em uma realidade metafórica. Ambos também prestam homenagens a dois precursores em suas respectivas áreas, o psiquiatra Osório Cesar, no uso terapêutico da expressão artística, e a arqueóloga Niède Guidon, criadora do Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí.

A referência à Guidon, falecida este ano, abre caminho para a ENTREVISTA realizada com Eduardo Góes Neves, arqueólogo cujo trabalho tem contribuído para reescrever a história da Amazônia. Em contraponto à arqueologia moderna do século XIX, com a qual Freud dialogou, Neves explicita os fundamentos de uma arqueologia contemporânea em contexto tropical. Imbuído de uma visão crítica a certas premissas colonialistas, suas considerações nos permitem renovar as relações estreitas entre Arqueologia e Psicanálise, e a reencontrá-las dentro de um novo panorama conceitual.

A imagem arqueológica também se faz presente na seção REVERBERAÇÕES, iniciada em nosso número anterior, na qual textos antigos, de difícil acesso ou nunca traduzidos, são garimpados e comentados à luz de questões contemporâneas. Nessa edição que comemora os cinquenta anos da revista, convidamos Myrna Pia Favilli — uma de suas fundadoras e, posteriormente, coeditora — a revisitar seu próprio artigo Autoritarismo: fatalidade psíquica?, publicado originalmente na IDE em 1980. Após algumas conversas por telefone, seguiu-se um encontro presencial no qual suas observações e reavaliações do artigo original foram aprofundadas. Myrna faleceu poucas semanas após o encontro e a subsequente edição de seu registro em um texto. Desse modo, a intenção inicial de um “retorno às origens” editoriais foi ampliada e a seção tornou-se igualmente um tributo a uma analista que marcou profundamente a vida científica e institucional da SBPSP.

A dupla celebração ressoa uma conhecida passagem de Jean Laplanche, na qual atribui à arqueologia três ancestrais:

O primeiro deles é o amador de arte e de curiosidades, o antiquário, em busca do objeto belo ou do objeto raro (...), nesse sentido, um colecionador esclarecido. A outra origem da arqueologia é o viajante. A arqueologia identifica seus objetos e seus sítios nas grandes “expedições” dos séculos XVII, XVIII e XIX, e nas descrições cuidadosas dos monumentos. Qual seria, enfim, o terceiro ancestral do arqueólogo? Bem, ele é menos louvável: trata-se do saqueador de tumbas e monumentos. (1991, p.1299)

A intersecção desses três ancestrais, que, segundo o autor, estariam sempre interligados, seria o amor pelo *objeto em si mesmo*, um objeto, ao mesmo tempo, belo, estranho e valioso. Próximo, talvez, à “sede de passado” que fascinou Benjamin em suas *Passagens* e que constitui uma marca intrínseca da condição humana, esse amor parece sustentar uma permanência paradoxal e não melancólica do objeto, posto que não se opõe à sua finitude e transitoriedade.

Às vésperas de sua morte, Freud fez questão de que suas cinzas fossem depositadas em uma urna funerária grega do século III a.C., presente que recebeu de Marie Bonaparte em 1931. Realizava, assim, o desejo de unir-se corporalmente ao reino eterno da Antiguidade. A urna funerária foi severamente danificada em 2014, quando saqueadores tentaram roubá-la junto aos restos mortais de Freud, em exposição permanente no crematório de Golders Green. O *amor dos começos* que ela representa, entretanto, continua sendo reinventado ainda hoje por cada jovem psicanalista.

Que as pedras desse velho edifício psicanalítico continuem falando!

Alexandre Socha  
EDITOR



## Referências

- Freud, S. (2015). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In *Obras completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907)
- \_\_\_\_\_. (2023). A etiologia da histeria. In *Obras completas* (Vol. 3). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1896)
- Laplanche, J. (1991). L'interprétation entre déterminisme et herméneutique: une nouvelle position de la question. *Revue Française de Psychanalyse*, 55(5), 1293–1317.
- Olivier, L. (2018). La répétition dans les processus archéologiques. *Revue Cliniques*, (14), 173–186.

DOI  
10.5935/0101-3106.v47n80.01